

Fernando Pessoa

## **Ah não poder tirar de mim os olhos,**

Ah não poder tirar de mim os olhos,  
Os olhos da minh'alma da minh'alma  
(Disso a que alma eu chamo)!  
Só sei de duas cousas, nelas absorto  
Profundamente: eu e o universo,  
O universo e o mistério e eu sentindo  
O universo e o mistério, apagados  
Humanidade, vida, amor, riqueza.

Oh vulgar, oh feliz! Quem sonha mais  
Eu ou tu? Tu que vives inconsciente ,  
Ignorando este horror que é existir,  
Ser perante o pensamento  
Que o não resolve em compreensões, tu  
Ou eu, que, analisando e discorrendo  
E penetrando (...) nas essências,  
Cada vez sinto mais desordenado  
Meu pensamento louco e sucumbido,  
Cada vez sinto mais como se eu,  
Sonhando menos, consciência alerta,  
Fosse apenas sonhando mais profundo...  
E esta ideia nascida do cansaço  
E confusão do meu pensar, consigo  
Traz horrores inúmeros, porque traz  
Matéria nova para o mistério eterno,  
Matéria metafísica em que eu  
Me perco a analisar.

Pensar fundo é sentir o desdobrar  
Do mistério, ver cada pensamento  
Resolver em milhões de incompreensões,

Elementos (...)

Oh tortura, tortura, longa tortura!

s. d.

**Fausto — Tragédia Subjectiva** . Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 12.

1ª versão inc.: "Primeiro Fausto" in **Poemas Dramáticos** . Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de Eduardo Freitas da Costa.) Lisboa: Ática, 1952 (imp.1966, p.86).